



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

SANDRO ROBERTO DA SILVA

**ALBERTO CAEIRO: UMA ANÁLISE DO PANTEÍSMO E DO SENSACIONISMO
EM *O GUARDADOR DE REBANHOS***

MOSSORÓ - RN

2021

SANDRO ROBERTO DA SILVA

**ALBERTO CAEIRO: UMA ANÁLISE DO PANTEÍSMO E DO SENSACIONISMO
EM O GUARDADOR DE REBANHOS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva

MOSSORÓ - RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586a Silva, Sandro Roberto da
Alberto Caeiro: uma análise do panteísmo e do sensacionismo em O Guardador de Rebanhos. / Sandro Roberto da Silva. - Mossoró, 2021.
34p.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Alberto Caeiro. 2. Modernismo. 3. Panteísmo. 4. Sensacionismo. I. Silva, Marcos Vinícius Medeiros da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

SANDRO ROBERTO DA SILVA

**ALBERTO CAEIRO: UMA ANÁLISE DO PANTEÍSMO E DO SENSACIONISMO PRESENTE
EM O GUARDADOR DE REBANHOS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em 31/05/2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva -
UERN Orientador

Marcos Vinícius Medeiros da Silva

Alexandre B. Alves
Prof. Dr. Alexandre Bezerra Alves - UERN
Examinador

Prof. Francisca Henrique de Jesus
Profa. Dra. Josefa Francisca Henrique de Jesus
Examinadora

DEDICATÓRIA

Para Maria Gecicleide da Silva, minha amada esposa, pelo apoio despretensioso que me dedica diariamente.

Para minhas inestimáveis filhas, Vitória Sabrina da Silva e Vívian Sara da Silva, por me mostrar o quão bela é a vida e me fazer descobrir que o amor é incondicional.

À minha mãe, Angelita Maria da Conceição Silva, que com amor e responsabilidade me conduziu no melhor caminho da vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Deus, por tudo que sou e pelo dom da vida. Para Ele, toda honra e toda glória.

À minha mãe, Angelita Maria da Conceição Silva, que sempre utilizou a sabedoria para educar todos os filhos.

Às minhas filhas, Vitória Sabrina da Silva e Vívian Sara da Silva, pelas alegrias que me foram proporcionadas e pelo incentivo durante o trajeto do meu curso.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva, por abdicar de seu tempo livre e me acompanhar nessa trajetória, trazendo excelentes contribuições para a construção deste trabalho.

À querida Professora e amiga, Ana Remígio, pelo zelo e por todo o carinho.

Aos professores componentes da Banca, Prof. Dr. Alexandre Bezerra Alves e Profa. Dra. Josefa Francisca Henrique de Jesus, que dedicaram horas na apreciação deste trabalho, abdicando de seu precioso tempo e refazendo horários para aceitar o convite.

Aos amigos que, indireta ou indiretamente, contribuíram no processo de leitura e escrita desta monografia.

RESUMO

Esta Monografia tem o objetivo de analisar o Panteísmo e o Sensacionismo na obra *O guardador de rebanhos* (2001), de Alberto Caeiro. Os poemas em análise se limitam ao V, IX e XV da obra *O guardador de rebanhos*. Caeiro é poeta do campo, define-se como guardador de rebanhos, referindo-se a sua maneira de sentir e ver a vida. De ver a realidade como ela é, não pelos sentimentos ou pensamentos ou, até mesmo, pelas fantasias que esta pode proporcionar, mas pura e simplesmente, pelas sensações. E, por essa escolha do poeta em ver e sentir as coisas, sem necessitar de justificar-se para outrem, é considerado um poeta sensacionista. Os poemas, aqui, analisados, também têm traços marcados pelo panteísmo de Caeiro. Sendo assim, o poeta considera que tudo o que há é Deus. Que tudo no universo é Deus. Que tudo está interligado. Neste raciocínio o poeta nega ter filosofia ao mesmo tempo que afirma ter sensações. E, ainda, nesse raciocínio, Caeiro diz-se contraditório ao tempo, se contradiz em teorias e na prática, mas conserva um lado paradoxal, o que faz o leitor acreditar que o poeta é confuso em suas construções. Entretanto, o paradoxo parece ser uma estratégia, mesmo que involuntária, do poeta de exibir seu intelecto para seu leitor. Caeiro é heterônimo de Pessoa, considerado por ele e pelos outros heterônimos, o Mestre de todos. Neste trabalho, buscamos desdobrar as temáticas do panteísmo e do sensacionismo. A partir desta análise, verifica-se a existência de elementos ligados a filosofia panteísta e da manifestação sensacionista, presentes em sua construção poética, apresentando a teoria constante na obra de Aburre (2016), Amaral (2013), Augusto (2017), Bernardo (2012), Bittencourt (2015), Cereja (2003), Coelho (2012), Duarte (2005), Faraco (1999), Forconi (2012), Gil (2000), Matos (2015), Moisés (1999), Parciannello (2014), Pareyson (1993), Pessoa (1946) e Rocha (2019) que muito nos forneceram as teorias necessárias sobre o modernismo em Portugal, Fernando Pessoa e seus heterônimos, em especial ao de Alberto Caeiro, e as nuances do poeta no panteísmo e sensacionismo na obra *O guardador de rebanhos* (2001).

PALAVRAS-CHAVE: Alberto Caeiro. Modernismo. Panteísmo. Sensacionismo.

ABSTRACT

This Monograph aims to analyze Pantheism and Sensationism in the work *O guardador de rebanhos* (2001), by Alberto Caeiro. The poems under analysis are limited to V, IX and XV. Caeiro is a poet from the countryside, he defines himself as a herdsman, referring to his way of feeling and seeing life. To see reality as it is, not by feelings or thoughts or even by the fantasies it can provide, but purely and simply by sensations. And, because of this choice of the poet to see and to feel things, without needing to justify himself to others, he is considered a sensationalist poet. The poems analyzed here also have features marked by Caeiro's pantheism. Thus, the poet considers that all there is God. That everything in the universe is God. That everything is interconnected. In this reasoning, the poet denies having philosophy while claiming to have sensations. Yet, in this reasoning, Caeiro says he is contradictory in time, he contradicts himself in theories and in practice, but he retains a paradoxical side, which makes the reader believe that the poet is confused in his constructions. However, the paradox seems to be a strategy, even if involuntary, of the poet to show his intellect to his reader. Caeiro is Pessoa's heteronym, considered by him and by the other heteronyms, the Master of all. In this work, we seek to unfold the themes of pantheism and sensationism. From this analysis, it is possible to verify the existence of elements linked to pantheistic philosophy and sensationalist manifestation, present in its poetic construction, presenting the constant theory in the work of Aburre (2016), Amaral (2013), Augusto (2017), Bernardo (2012), Bittencourt (2015), Cereja (2003), Coelho (2012), Duarte (2005), Faraco (1999), Forconi (2012), Gil (2000), Matos (2015), Moisés (1999), Parcianello (2014), Pareyson (1993), Pessoa (1946) and Rocha (2019) who provided us with the necessary theories about modernism in Portugal, Fernando Pessoa and his heteronyms, especially that of Alberto Caeiro, and the nuances of the poet in pantheism and sensationism in the work *O guardador de rebanhos* (2001).

KEYWORDS: Alberto Caeiro. Modernism. Pantheism. Sensationism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 MODERNISMO PORTUGUÊS: IDEAIS, TENDÊNCIAS E INFLUÊNCIAS	13
2.1 Fernando Pessoa: a principal influência do Modernismo em Portugal.....	16
2.2 Heterônimos do poeta e autor: a autenticidade de cada psique.....	18
2.3 Alberto Caeiro: simplicidade e pureza.....	20
3 A PRESENÇA DO PANTÉISMO NOS POEMAS DA OBRA <i>O GUARDADOR DE REBANHOS</i>	23
3.1 O realismo sensacionista de Alberto Caeiro.....	26
3.2 Poemas em análise: semelhanças e divergências.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O Modernismo em Portugal ganhou destaque no ano de 1915 com as publicações de revistas que buscavam estetizar a literatura rompendo com antigas amarras da arte europeia e lusitana. Historicamente o país saboreava o fim da monarquia e a proclamação da República. Entretanto, refletia-se sobre a importância e a grandiosidade de toda a nação lusitana, perdida a partir do declínio da Renascença. Assim o sentimento saudosista e espírito nacionalista lusitanos são revivados. Nesse cenário de renovação, intelectuais e artistas projetam a reconstrução da cultura portuguesa. Moisés (1984, p. 294) destaca que é nesse panorama que surgem as publicações de várias revistas - *A Águia* surge em 1910, *Orpheu* em 1915 e *Presença* em 1927 – que alavancaram os inúmeros debates sobre definição de arte, de poesia e de filosofia. Entre tantos outros intelectuais destaca-se o poeta Fernando Pessoa, considerado por muitos como a maior poeta português de todos os tempos, com um estilo que significativo, próprio – modelando Camões - tanto a literatura quanto a sua própria vida, na qual teve inspiração para escrever.

Vale aqui lembrar que Pessoa insere-se no grupo Orpheu que visava atualizar a cultura portuguesa em relação às inovações que a Europa promovia em nome da arte no começo do século XX e, certamente influenciadas pelas correntes vanguardistas.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objeto principal de estudo analisar o panteísmo e o sensacionismo na obra *O guardador de rebanhos* (2001), de Alberto Caeiro. Trazendo à tona as evidências presentes nas duas manifestações e que integram a construção poética de Caeiro, heterônimo de Pessoa. A abordagem que será tratada abrirá campos para os estudos em torno dos aspectos literários, não tão somente explorados na obra de Caeiro, mas dos principais heterônimos de Fernando Pessoa. Assim, pretende-se promover campo de pesquisa para que se possam desenvolver estudos analíticos da relação entre Caeiro e outros heterônimos de Fernando Pessoa, juntamente com outros *locus* de pesquisa, que sejam afins da literatura, como ciências, filosofia, religião ou psiquiatria.

Metodologicamente, traça-se, em primeiro lugar, a historicidade do Modernismo e um paralelo de como estava a conjuntura literária de Portugal no momento em que Pessoa insere-se no movimento vanguardista em que impulsiona a arte e cria uma nova estética de escrita, causando inúmeras reflexões.

Em continuidade, esboça-se a estética de Pessoa e sua influência no Modernismo de Portugal. Para confirmar a relevância de Pessoa na arte intelectual lusitana, a escrita dessa Monografia inclina-se para os heterônimos criados e desenvolvidos com personalidades próprias e distintas, apresentando a personalidade dos mais importantes.

Segue-se, portanto, pela poesia intimista de Caeiro, que é campo de análise literária desta pesquisa. Partindo disso, analisa-se a presença do panteísmo e do sensacionismo de Caeiro, identificando os aspectos de semelhanças e divergências nos poemas em análise.

Para Bittencourt (2015), o termo panteísmo é proveniente dos termos gregos *pan*/tudo e *theos*/Deus, significando tudo é Deus. Ideia segundo a qual nega a existência de um ser personificado, onisciente, onipotente, onipresente e criador do universo. Esse pensamento é datado a partir dos séculos VI e VII, a.C., sendo a base de diversas manifestações religiosas - naturalismo, paganismo, indigenismo, budismo, taoísmo, xamanismo.

O Panteísmo, inicialmente, foi concebido como um tipo de contracultura religiosa, "uma das críticas em relação ao panteísmo é que ele parte do pressuposto da resposta e negatividade do Deus, dualista, cristã e criador" (BITTENCOURT, 2015, p.88). Nesta percepção, infere-se que o panteísmo não se resume apenas em ideias e perspectivas, mas é, antes de tudo, um modo de vida.

Segundo Lopes (2016, p. 111), o panteísmo, apesar de ter sido desenvolvido na modernidade do século XVIII, é possível identificá-lo em muitas culturas da antiguidade clássica até o Renascimento. Na teoria clássica, o destaque vai para o Estoicismo que tinha a noção de imanência na afirmação de que o universo é o próprio Deus.

Já na Renascença, têm-se Giordano Bruno (que acusado de panteísmo foi queimado), "Sua concepção de Deus era a de uma causa imanente da natureza, distinto dos finitos particulares por conter todos eles em si "(LOPES, 2016, p.106). Embora o panteísmo e suas tendências sejam encontradas bem antes da modernidade, sua premissa básica considerada fundadora das reflexões panteístas parte de Espinoza.

Lopes (2016, p. 111) afirma que Espinoza é um pensador marcante no histórico da doutrina panteísta. Ele negava a "ideia de um Deus transcendente que está à parte do mundo, regendo-o conforme seus caprichos". Nas palavras do autor o verdadeiro

conhecimento de Deus, da Natureza e da união de ambas partes da racionalidade e não da fé. Ainda nesse contexto, Augusto (2017, p. 15), afirma que Deus, para Espinoza, "é a substância constituída por infinitos atributos, [...] expressão necessária da potência eterna e infinita de Deus ou da natureza, que para Spinoza são uma só e a mesma coisa". Espinoza não demonstra a existência de Deus. Para ele, a existência é Deus.

No que tange ao sensacionismo, Matos (2015), afirma que o conceito e o surgimento do Sensacionismo desenvolvido por Fernando Pessoa se iniciaram na década de 1910. Para o autor, é uma estética a pregar que a única realidade é a sensação e que a máxima realidade será dada sentindo tudo de todas as maneiras. Ele é a doutrina das sensações (sensacionismo), e tem como finalidade produzir sensações, "O movimento sensacionista procurou sintetizar as correntes passadas e acrescentar-lhes qualquer elemento, algo novo, através de uma nova visão das coisas", (MATOS, 2015, p. 13). Ele caracteriza-se em unir em si todas as formas de artes de diferentes lugares, desde o Egito, Grécia e Roma, até a época do grupo Orpheu, agregando diversos movimentos.

Ainda sobre a origem do Sensacionismo, Matos (2015) aponta alguns dilemas, pois ora Pessoa diz que essa parte de duas premissas - uma é a criação dos heterônimos e outra é a *revista Orpheu* -, ora do movimento futurista e das evoluções do Paulismo e do Interseccionismo. Em carta a um editor inglês, ele atribui a três movimentos: o Simbolismo francês, o panteísmo transcendentalista, e o futurismo.

É bem provável que esta falta de clareza, somada à falta de bases sólidas – vide o fato de que o Sensacionismo não se opõe a nenhum outro movimento, ao invés disto, abarca todos –, tenha prejudicado o engajamento de um grupo maior de escritores nesta estética. (MATOS, 2015, p. 16).

Portanto, tudo que foi produzido no grupo Orpheu, Fernando Pessoa dominou de Sensacionismo por ser liberal e acolhedor.

A pesquisa faz uso de uma bibliografia que serviu de base para a fundamentação teórica e analítica. Insere-se, aqui estudos de autores como Bittencourt (2015), Lopes (2016), Augusto (2017), que fizeram um aprofundamento nos estudos referentes ao panteísmo e sensacionismo, trazendo um panorama bastante definido e pertinente sobre conceito e identificação. Utiliza-se, também, Moisés (1999), Parcianello (2014), Pareyson (1993), Pessoa (1946), entre outros que

trouxeram significativas contribuições nas análises da obra pessoana e, em especial, na obra *O guardador de rebanhos*, escrita pelo heterônimo Alberto Caeiro.

Assim, na estruturação dos capítulos, tem-se: o capítulo 2, intitulado “**modernismo português: ideais, tendências e influências**”, no qual divide-se seu conteúdo em três tópicos. Um sobre o escritor Fernando Pessoa, sendo nomeado de “**Fernando Pessoa: a principal influência do Modernismo em Portugal**”, nesse tópico fala-se sobre o período em que Pessoa insere-se no movimento modernista e suas reflexões acerca da estética poética e a cultura lusitana e o processo de criação, definição e desenvolvimento dos heterônimos. Observa-se, nesse tópico, a relevância de Pessoa, um dos maiores contribuidores das revistas *Orpheu* e *Presença*, mais renomadas do período vigente. O segundo tópico trata dos heterônimos de Fernando Pessoa, suas características físicas e suas personalidades, denominando-se: “**Heterônimos do poeta e autor: a autenticidade de cada psique**”. Já o terceiro, e último tópico deste capítulo, traz a abordagem da simplicidade de Alberto Caeiro, considerado por todos os outros heterônimos, bem como pelo próprio Fernando Pessoa, o mestre de todos, assim intitula-se como: “**Alberto Caeiro: simplicidade e pureza**”.

No capítulo 3, levando o título de “**A presença do panteísmo nos poemas da obra *O guardador de rebanhos***”, dirige-se a pesquisa para o trabalho de análise, tendo os tópicos “**O realismo sensacionista de Alberto Caeiro**”, e “**Poemas em análise: semelhanças e divergências**”, que trazem, respectivamente, a análise do panteísmo e sensacionismo nos poemas, confirmando e cumprindo o que se propõe na pesquisa.

2 MODERNISMO PORTUGUÊS: IDEAIS, TENDÊNCIAS E INFLUÊNCIAS

O Movimento Modernista em Portugal tem seu prelúdio no século XX, mais precisamente ao fim de sua primeira década. No ano de 1910, Portugal atravessara uma grande crise social, cultural e política oriunda da insatisfação da sociedade lusitana com o Regime Monárquico do país. Lisboa (1984, p. 18) destaca que mais precisamente em 05 de outubro de 1910, o Partido Republicano Português obtivera vitória referente aos julgamentos de gastos do país com a Família Real, o excessivo poder da igreja, as inconsistências política e social do país, a Ditadura de João Franco e a repulsão da Monarquia em aderir a novas concepções de modernidade.

Essa consagrada vitória garante a instalação da República Portuguesa que fora tracejada pela revolução organizada pelo próprio Partido Republicano. Em meio aos entreveros da época, conseguiu-se empossar um governo provisório, ao comando do poeta, filósofo e político Teófilo Braga, ficando em sua responsabilidade a governança do país de Camões até a aprovação da Nova Constituinte consagrando, assim, a Primeira República em 1911 até o golpe de 1926.

Lisboa (1984, p. 15) ressalta que a subserviência dos portugueses às vontades britânicas provocou a ira ao Regime da Monarquia do reinado de D. Carlos, somados à crise financeira de 1890-1891 que levou o país ao declínio em diversas esferas. Já com a queda do rei, os republicanos souberam tirar proveito do momento proclamando as ideias de renovação. Junto a elas, pairava uma nítida necessidade de renovação literária. O Simbolismo já não mais supria as redondezas poéticas e prosaicas dos portugueses, ainda mais com a avalanche de vanguardas que pareciam surgir a cada ano, como o Futurismo (com o qual o Modernismo poderia ser confundido nas proximidades da segunda década do século XX), Cubismo e outras e, com essas correntes vanguardistas, surgiam os pensamentos filosóficos.

É importante frisar que o ápice da concepção e incorporação das ideias de revolução social, marcada pela insatisfação lusitana, pacificação, considerando o contexto político, e renovação, quando se trata do sentimento de liberdade literária, deu-se através da chegada da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Moisés (1999, p. 236) destaca a relevância das ideias dos republicanos satisfeitos ou conformados desde o momento de instauração do novo sistema de governo. O autor destaca, ainda, que apesar do movimento republicano ficar em evidência social, política e cultural, logo se tem uma subdivisão movida pela diferença

de concepção do momento que o país atravessava na alternância de regime governamental.

Perante a nova situação em que se encontra o país, logo se formam duas facções, opostas no modo como a encaram: uma delas, satisfeita, ou conformada com a República, procura dar-lhes bases, uma doutrina ou filosofia tipicamente portuguesa; a outra, a dos inconformados, dos insatisfeitos com o novo estado das coisas, assumem um caráter contra-revolucionário e aglutina-se em torno de Antônio Sardinha (1888-1925), em 1914, formando o grupo do integralismo português, de que veio a sair o Estado Novo em 1926. (MOISÉS, 1999, p. 236).

Nesse sentido é possível ingressar na ideia de que, mesmo pregando a liberdade política, social e cultural o Partido Republicano Português tinha divergências internas. Entretanto a separação configurou-se, apenas, no cenário de oposição das ideias e concepções de Regime Republicano. Moisés (1999) mostra, em suas considerações a relevância de posicionamento e atitudes daqueles que primavam pela liberdade de expressão, pelo livre pensamento e diferentes manifestações artísticas, culturais e política fortalecendo uma característica mais condizente com o povo lusitano.

Ainda, nesse sentido, é válido destacar que com a ideologia colapsada, era natural que a juventude predominante da primeira década do século XX tomasse posições firmes e contundentes frente a situação que vivenciara. É em meio a esse colapso de ideias que a literatura se transforma de tal maneira que os valores anteriores passaram por tumultuosas reviravoltas, pondo em cheque a ultravalorização da razão como forma de intervenção social, cultural e literária.

Ainda nesse mesmo momento, de acordo com Lisboa (1984, p. 40) envolvidos em explosão de sentimentos de liberdade, sob anestesia da derrocada do regime monárquico, em 1910 surge a revista mensal nominada *A Águia*, adequada a proposta dos conformados com a República, que integrava a Literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social, e tempos depois tornou-se órgão da Renascença Portuguesa. É necessário ressaltar que *A Águia* propunha um movimento de renovação do país, mergulhando no Saudosismo, que era em uma última análise uma retomada das mais legítimas tradições do país. Sendo assim, o Saudosismo marca a transição para o Modernismo português.

Moisés (1999, p. 237) acentua o destaque de Teixeira de Pascoaes na condução do movimento revolucionário em Portugal, uma vez que atuou como mentor, doutrinador, sendo o responsável por estabelecer uma filosofia autêntica lusitana, em torno da saudade, o que foi chamado de Saudosismo. Já em 1912, chega ao fim a primeira série da revista *A Águia*, dando corpo ao órgão da Renascença Portuguesa, com a finalidade de dar maior sentido às energias intelectuais do país de Camões, de torná-las férteis, de ressuscitar a Pátria Portuguesa. Nasce aqui o saudosismo apresentado por Teixeira de Pascoaes. A saudade de maneira profunda, sentimental, emocional, reflexiva e essencial, em que tudo existe: corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, atinge a sua unidade divina. É a saudade plena, vista no âmago das sensações desfazendo-se de toda a superficialidade por ora apresentada.

O saudosismo de Pascoaes, com toda a sua pluralidade, consumiu os principais nomes do Modernismo em Portugal, entre eles: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Mário Beirão, Afonso Duarte, Raul Leal entre tantos outros. Assim, unidos por esse saudosismo, consolidam suas concepções de ideais em frente única e, juntos, fundam a revista *Orpheu* que serviu de porta-voz dos ideais estéticos em consonância com o restante da Europa. Assim, o movimento conhecido como *Orfismo*, reunia um grupo de escritores e artistas plásticos disposto a divulgar sua arte irreverente, com propósito declarado de chocar a burguesia da época. É a partir da revista *Orpheu* que se cria a estética da nova arte.

Moura (1999), traz o destaque do que era o *Orfismo*,

Os jovens da *Orpheu* pretendiam colocar Portugal em compasso com a vanguarda do restante da Europa. O *Orfismo* registra inovações, sobretudo na poesia: o culto da diversidade com o tema, o verso livre, a aproximação da poesia com a prosa são traços gerais dessa poesia. (MOURA, 1999, p. 429).

A princípio é possível perceber que o movimento provocava a burguesia com uma poesia alucinada, chocante, irreverente, irritante e intrigante objetivando mostrar-lhe o lado esotérico como forma ideal de expressar a nova forma de ver e entender o mundo. Arrebata-se, todo esse jogo de liberdade de expressão, com a filosofia de vida estética sem compromisso com as velhas ideologias históricas, políticas, científicas.

Nesse contexto, é válido ressaltar que aderir ao Modernismo significava romper com os velhos padrões, com passado, sobretudo com aparência exterior simbolista,

mesmo que do passado fosse autoridade. Assim a concepção apresentada por Moisés (1999, p. 239), ainda que indiretamente, é que as ideias estetizantes e provocadoras de uma nova maneira de ver a arte abrigam-se na criação de uma poesia muito mais audaciosa e com capacidade suficiente de proporcionar uma reflexão pertinente sobre a necessidade de elevá-la ao mais alto grau de rompimento com as ideologias marcadas por tensões políticas de países imperialistas e excessos do romantismo que configuravam no passado.

2.1 Fernando Pessoa: a principal influência do Modernismo em Portugal

Entrar na prática literária de Fernando Pessoa é mergulhar em seu imenso poder intelectual, ao mesmo tempo que nos deparamos com uma das mais importantes fases do Modernismo de Portugal. É viajar pelo estilo Pessoaano com o vislumbre do período marcado pela irreverência filosófica e poética que desfez-se das correntes que limitavam a arte, o livre pensamento e a liberdade de expressão.

Fernando Pessoa passeava pelas letras com desvelo que o período exigia. É importante destacar que nos moldes de Camões, Pessoa também procurou criar seu próprio estilo literário uma vez que

Do mesmo modo que o ciclo camoniano se caracteriza por uma série de *clichés* expressivos, assim o ciclo pessoano corresponde ao encontro de novos achados poéticos, comunicados numa linguagem nova, logo tornada *cliché* à custa de repetida (MOISÉS, 1999, p. 241).

Dessa forma, o traço mais delineado de seu estilo é a construção dos seus heterônimos, que marcam a trajetória pessoana com biografias específicas, textos próprios e divergências de opinião. Cabe ressaltar que heterônimo é um nome imaginário a quem um escritor atribui obras suas, assim o autor “imaginado” por um escritor apresenta características de estilos diferentes das do criador. Não se deve, aqui, confundir heterônimo com pseudônimo, pois este último é um nome falso ou suposto adotado por um artista. Dentre os principais heterônimos de Pessoa, destacam-se Ricardo Reis - o mais humanista de todos; Álvaro de Campos – considerado o mais moderno e contestador de todos, e Alberto Caeiro – considerado, pelo próprio Fernando Pessoa, o mestre de todos os outros e que aqui se faz objeto de estudo e análise.

Esboçando traços de irreverência poética, estava pronto para tudo contestar e provocar a reflexão de outrem. Assim, Fernando Pessoa se aloja como um dos mais influentes escritores do movimento modernista, sendo um dos principais autores que introduziu o movimento em território lusitano. Nessa conjuntura, em parceria dos amigos e escritores Mário de Sá Carneiro, Luís de Montalvor e o brasileiro Ronald de Carvalho, Pessoa publicou a revista *Orpheu* em 1915, dando início ao modernismo no país.

Fernando Pessoa trazia em seu âmago um apreço pelas reflexões de identidade, percepções diferentes sobre o que é, de fato, a verdade e o existencialismo. Por este raciocínio, é de suma importância frisar que ao criar tantos heterônimos – com personalidades distintas e reflexões próprias -, Pessoa nos deixa aguçados em saber se os mesmos não são, ou não foram, um desdobramento de sua própria personalidade.

Nesse sentido, Cereja e Magalhães (2003, p. 379) destacam a influência de Pessoa no Modernismo de Portugal afirmando que “não foi apenas um criador de obras literárias, mas também um ‘criador’ de escritores”. Nesse tracejado, infere-se que o projeto de arte moderna de Pessoa, encontrou patente na sua ilimitação de ideias e vasta imaginação. Importante enfatizar a grande potência intelectual do poeta, uma vez que sua capacidade de criação se ampliou na mesma intensidade de renovação da arte. Nesse caso, não lhe foi suficiente criar uma única obra. E se fosse nessa direção, não seria o poeta completo que o é. Pessoa necessitava de muito mais. Por esta sede insaciável de modernizar a poética e a arte lusitanas, ele, fez uso de sua infinita imaginação, concebeu suas entidades poéticas, assim pode-se afirmar, com biografias próprias, características físicas, profissão, ideologias e estilo literários, também, próprios.

A incógnita sobre a motivação que inseriu Fernando Pessoa nesse imaginário e que ele optou por criar e conseguiu compor, com tanta maestria, um projeto de arte, vasto em grandiosidade – não se dispensa, aqui, a redundância - ao mesmo tempo que se utiliza de uma ousadia quase inatingível por outros, continua sempre em evidência quando se depara com a obra do poeta que se consagrou entre reflexões filosóficas e estéticas da arte moderna.

Nesse raciocínio, Luigi Pareyson (1993, *apud* PARCIANELLO, 2014, p.228) define a tentativa de compreensão da obra pessoana da seguinte forma: “pretender ter compreendido definitivamente a obra é como pretender compreendê-la a um

primeiro olhar. Posse e busca são extremamente compatíveis e representam os dois gonzos do intérprete”. Assim é evidente que para a tentativa de desvendar os mistérios que a estética pessoana apresenta, necessário se faz mergulhar na personalidade do poeta, ser leitor ativo fazendo jus a definição de Pareyson (1993), busca e posse, haja vista que esses movimentos implicam em verdadeiro encontro do leitor com a obra.

Entre outras palavras, Pessoa (1946, p.84) provoca a reflexão “Interpretar é não saber explicar. Explicar é não ter compreendido”. A referida afirmação comprova o quão intrigante era o poeta e suas reflexões filosóficas. Ora, como não é possível explicar aquilo que, supostamente, foi compreendido? É possível inferir que Pessoa refere-se ao absoluto e o fechamento daquilo que se pretende explicar. Sobre o absoluto e o fechamento inferidos por Pessoa, é possível exemplificar quando em um dado momento, a crítica de uma obra a define como desta ou daquela escola literária, deste ou daquele movimento, desta ou daquela classe. Assim o ciclo se fecha comprovando a não compreensão total da obra. Por este olhar, a compreensão deve ser aberta, vasta, circunscrita em uma ideologia que não seja excludente, mas que lhe seja assegurado a multiplicidade dos sentidos e reflexões.

2.2 Heterônimos do poeta e autor: a autenticidade de cada psique

A relevância da obra de Pessoa se faz necessária lembrar quando se encontra abrigo na sua genialidade e capacidade de desdobramento. Nesse sentido a heteronímia se encontra presente em suas obras, considerando as multiplicidades de vários “eus” com distintas identidades e estilos de escrita e poética. Pessoa (1946, *apud* ABURRE, 2016, p. 34) revela que “desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram”. E, por ainda se autodefinir como “histeroneurastêmico”, Pessoa se constitui em desdobramentos de si mesmo em outras personalidades poéticas, criando tantas outras pessoas e por meio delas deu forma a diferentes modos de observar o mundo.

A sua criatividade comprovou a imensa capacidade de dar vida própria a outros seres, ou seja, sem que um vivesse a sombra do outro e que, assim como Pessoa, são também poetas e objetos de pesquisas, debates e controvérsias.

É possível afirmar que Fernando Pessoa utilizava-se de paradoxos para esbanjar a sua intelectualidade e, por vezes, seus heterônimos façam o mesmo uso deste recurso. Nesse sentido, Amaral (2013, p. 79) cita Álvaro de Campos, um dos

heterônimos de Pessoa, que afirmava “Fingir é conhecer-se” ao mesmo estilo ortônimo de Pessoa quando diz “O poeta é um fingidor / finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / a dor que deveras sente” (PESSOA, 1931). Os paradoxos bem evidentes que lançam-se para mostrar a modernidade de Pessoa, reconhecendo-se na crise de identidade do ser humano, da fragmentação do “eu”, da fragilidade, dividido em um mundo que destruíra as certezas inquestionáveis, abrindo mão do conceito de personalidade como algo intacto e imutável.

Assim sendo, o processo de despersonalização que inclina o poeta a revelar-se por intermédio de outras criaturas, e que por vezes encontra dentro de si, pode ser compreendido como a busca incessante de recriação poética de uma unidade perdida, de algo que seja absoluto e que transcenda todas as verdades parciais, relativas e fragmentadas. Ainda nesse sentido, a diversidade, pluralidade, multiplicidade de elementos quase sempre conflitantes, torna Pessoa um dos maiores poetas do Modernismo lusitano e que buscou a unidade e integridade do ser humano. Compreende-se, assim, que os heterônimos não são máscaras literárias de Fernando Pessoa, uma vez que não se inventou personagens-poetas, mas obras literárias de poetas, e conseqüentemente as biografias de cada um deles.

No sentido de confirmar as afirmações citadas acima, é válido conhecer, de forma panorâmica, as personalidades dos heterônimos principais de Pessoa, considerando as características essenciais, sua complexidade e pontos comuns entre estes.

Nas palavras de Faraco e Moura (1999, p. 433), Álvaro de Campos é o habitante da cidade grande, o poeta moderno, agressivo, voltado para seu tempo, o presente. É, também, conhecido por angústia intensa e que sucede seu entusiasmo com as conquistas da modernidade. Assim, é o heterônimo que mais se aproxima da vanguarda. Pessimista quase sempre, escolhe como referência o mundo do progresso, exaltando-o, mas registrando também a angústia do começo do século XX, em que viveu. Por escrever sob a temática das sensações do homem no mundo moderno, pode ser considerado, também, um poeta sensacionista. Álvaro de Campos utilizava em seus escritos, versos livres, de ritmos explosivos e linguagem coloquial, testemunhando assim, a crise de todos os valores da vida urbana e industrial, oscilando entre a excitação e o cansaço, a euforia e a depressão, o êxtase e a ilusão.

Já Ricardo Reis, de acordo com Faraco e Moura (1999, p. 432) é o heterônimo clássico de Fernando Pessoa. Apresenta uma visão de mundo centrada nos valores

da Antiguidade. Daí decorrem as características fundamentais de sua poesia: o paganismo e, conseqüentemente, a eliminação da ideia de pecado; a proposta de gozar o momento, uma vez que não há como evitar a morte; a ocorrência de figuras da mitologia clássica. Sendo um clássico, valoriza a vida natural e a simplicidade das coisas, assim como Caeiro. No entanto, se para Caeiro o importante é sentir a natureza, e integrar-se a ela, para Ricardo Reis o mundo moderno apresentava-se como decadente e ele pensa sobre essa decadência. Assim, em todos os poemas escritos por Ricardo Reis, há uma influência dos poetas clássicos gregos e latinos, sendo a sua visão pagã inspirada pelo mestre Caeiro. Sendo um poeta neoclássico, a temática de Ricardo Reis insere-se na passagem do tempo, na irreversibilidade do destino, na necessidade de gozar o momento presente. Assim, suas obras se caracterizam por versos curtos, lembrando a lírica grega, vocabulário erudito e sintaxe clássica.

2.3 Alberto Caeiro: simplicidade e pureza

Faraco e Moura (1999, p. 432) desta que Alberto Caeiro é o poeta que prega a vida simples, que não deve se guiar pelo pensamento, mas pelas sensações. Para o poeta, o importante é ver e sentir o mundo, e não pensar nele. Assim, sendo autor de uma poesia cuja simplicidade esconde uma complexidade filosófica bastante intensa, Alberto Caeiro se define como o homem do campo, “o guardador de rebanhos”. Sua produção poética gira em torno da percepção do mundo e da tendência do ser humano em interpretar o que vê como símbolos de outras coisas. Caeiro é considerado por Pessoa o mestre dos heterônimos. É o homem reconciliado com a natureza, que rejeita todas as estéticas, todos os valores, todas as abstrações. Poeta de grande simplicidade, sua sabedoria consiste em ver o mundo de forma sadia e plena, sensorialmente, em comunhão direta com ele e seus fenômenos.

Alberto Caeiro, definido por Pessoa, o mestre dos heterônimos era um poeta simples, homem do campo, movido pelas sensações atribuía os conhecimentos de mundo as experiências sensoriais. Nesse sentido, Forconi (2012, p. 26) afirma que “Caeiro é um poeta que rejeita o pensamento e valoriza a percepção das sensações que o ambiente pode proporcionar, trazendo em sua lírica, temas, majoritariamente, da natureza”. Assim, a priori, é possível identificar que as sensações e os sentidos tornam Caeiro um mestre singular, ainda que Forconi (2012, p. 26) revele “Caeiro

mostra, em seus poemas, sua ideologia claramente antirreligiosa e seu discurso é aparentemente contraditório quanto à relação entre pensar e sentir”. Ora, se o poeta é homem do campo, possuidor de íntima relação com a natureza, tem uma percepção sensorial singular, é impossível afirmar que há contrariedade entre pensar e sentir, uma vez que ao despir as coisas e descobrir seus significados, tornam-se características principais da visão de Caeiro. Nesse mesmo sentido, podemos observar nas palavras de Gil (2000, p. 17), que é certo na definição de Caeiro “é o único ser humano capaz de ver naturalmente, sem esforço”. Diante da magnífica afirmação, compreende-se que, exceto Caeiro, todos os seres humanos, incluindo aqui os outros heterônimos, precisam aprender a ver as coisas.

Entretanto, Parcianello (2014, p. 233), nos faz lembrar que Caeiro

Em si não existe sem a onipresença da personalidade (de Fernando Pessoa), que elabora os poemas Caeiro de acordo com um modo de fazer conveniente a um propósito, seja ele de dialogar com uma tradição literária, seja de contestar ou fazer sobressair as contradições inerentes ao pensar metafísico, e a presença metafísica na “não-metafísica” é a própria presença pessoana.

Nesse sentido, quaisquer posições que se queira assumir quanto a existência própria de Caeiro fica a depender da interpretação individualizada e esta fazendo-se ausente, a simples existência da ausência já se configura em uma forma de interpretá-lo, ou pode-se defini-lo como o limite da capacidade humana de interpretar. Nesse panorama, Lopes (1985 *apud* PARCIANELLO, 2014, p. 233) ressalta “nenhuma ideologia, nem de direita, nem de esquerda, nem humanitária, nem contra a humanidade pode ser atribuída a Caeiro, sem contradição”. Dessa forma, Caeiro extrai seus pensamentos não de livros nem da civilização, mas de seu contato direto com as coisas e com a natureza. Por agir assim, Caeiro crê que o homem complicou demais as coisas com a metafísica, com as suas teorias filosóficas e científicas, com suas religiões. Por isso, defende a simplicidade da vida e as sensações como único meio válido para a obtenção de conhecimento.

Coelho (2012, p. 47) chama-nos atenção para o sentido de felicidade concebido por Caeiro “tem por base a relação simples e harmônica entre o eu-lírico, a natureza e o universo, apresentando-nos um objetivismo absoluto e um paganismo que o leva a uma posição privilegiada de discípulo”. Nesse sentido é possível perceber que o poeta não tem pretensões de simplicidade alguma, pois simplesmente o é por

natureza. Ainda é possível inferir que na religiosidade, enquadrando aqui o seu paganismo, o poeta crê que o cristianismo provoca no homem o impedimento de sua racionalidade. Assim sendo, Alberto Caeiro, homem do campo, de vida simples, carrega em si um aprendizado de reconhecer-se no mundo, na mais absoluta visão humanista e simples das coisas do universo.

3 A PRESENÇA DO PANTÉISMO NOS POEMAS DA OBRA *O GUARDADOR DE REBANHOS*

O perfil atribuído ao panteísmo fez com que as críticas se tornassem rotineiras, dando-lhe espaços para as imperfeições de determinismo, negativa de um mundo real e sensível, de negando a existência de Deus, asseverando a inconsistência de qualquer saber ou sentimento direta ou indiretamente religioso, seja aquele calcado na fé ou revelação, seja o que se propõe alcançar a divindade em uma perspectiva racional ou argumentativa.

Conforme Bittencourt (2015), o panteísmo nega, veementemente, a existência de um Deus uno. A divindade é toda a natureza. Deus é tudo. Ele é natureza. Os panteístas têm um apreço pelos elementos e manifestações próprias da natureza, como as árvores, flores, o nascer do sol, pôr do sol, a lua, os astros e outras manifestações, "o templo dos panteístas é a natureza - os rios, mares, montanhas, florestas - e a expressão revela-se no florir e no murchar dos ciclos da vida", (BITTENCOURT, 2015, p. 92). Dessa maneira, para os panteístas, estar em contato com a natureza é fazer parte de uma unidade divina. Portanto, é importante esclarecer que elementos estratificados da cultura humana como edifícios, poluições, excesso das indústrias e outros agentes degradadores não são apreciados por eles.

Segundo Forconi (2012, p. 26-27), o panteísmo se desdobra em vários segmentos, que podendo destacar como principais: o panteísmo cristão, que vê toda a natureza como obra e manifestação do divino; o panteísmo imanentista, este dilui totalmente Deus nas coisas e quase se assemelha ao ateísmo; o panteísmo em que o ser supremo torna-se um com todos, o supremo se despersonaliza mostrando-se em várias partes de sua criação; o panteísmo imanente-transcendente, segundo o qual Deus se manifesta e se realiza nas coisas e o pseudo-panteísmo em que a divindade torna-se tudo, ou seja, tudo é Deus.

Enquanto palavra dicionarizada, panteísmo aparece como "doutrina filosófica e religiosa que considera Deus e o universo como uma única e mesma realidade. O panteísmo diviniza a natureza" (BIDERMAN, 1998, p. 690). Ainda assim, encontra-se significado semelhante que o apresenta como sendo um "Sistema filosófico que identifica a divindade com o mundo e segundo o qual Deus é o conjunto de tudo o quanto existe" (BUENO, 1986, p. 822). É notório que enquanto Biderman (1998) define o panteísmo como "doutrina filosófica", Bueno (1986) traz a definição como "sistema

filosófico”, ainda assim a essência de sentido permanece inalterada: Deus é o centro de todo o universo e todas as coisas estão nele, sendo Todos uma única “coisa”.

Em observação dos poemas de Caeiro, é possível comprovar que o poeta traduz a rigor a definição denotativa, ainda que poeticamente, da palavra nos versos do poema V:

Mas se Deus é as flores e as árvores,
E os montes e o luar e o sol,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e com os ouvidos (CAEIRO, 2001, p. 93).

Nos trechos citados acima, é possível perceber que Caeiro não nega veementemente a existência de Deus, mas a aplaina a tudo que podemos sentir e pensar. Assim para o poeta o pensar é não ver, e de igual maneira quando cerra-se os olhos não ocorre o pensamento, como ainda é possível comprovar nos trechos que dão sequência ao poema V, a perceber:

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores, e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol (CAEIRO, 2001, p. 93).

Percebe-se, assim, que o poeta afasta-se de quaisquer vaidades intelectuais e dessa forma o leitor pode inferir que o “eu” lírico esboça-se em um real encontro com a natureza e todas as suas sensações de Caeiro. Nos versos a presença do panteísmo é evidente e marcada com traços, nada simbólicos, da dubiedade do poeta. Ainda, nos referidos versos, pode-se perceber o quanto Caeiro pode ser paradoxal em seu jogo dialético, quando depara-se com o seu raciocínio de lógica e daquilo que não é lógico, firmando-se, desse jeito, em um acirrado joguete de afirmação e negação simultâneas.

Duarte (2005, p. 107) afirma que Alberto Caeiro, na sua própria visão do panteísmo poético, saudosista, reduz a natureza à simples realidade exterior,

manifestação visível e aparente do ser. Nas palavras da autora “a exterioridade é inerente ao objeto do conhecimento, ela o é ao sujeito que com ele se identifica, privando-o de qualquer interioridade perceptiva” (DUARTE, 2005, p. 107).

Nos poemas de Alberto Caeiro, como quase tudo nele, a relação do poeta com Deus e com a religião é, intrigantemente, rebuscada. Nesse sentido, é importante considerar as passagens da poesia de Caeiro onde, sem amputar a ideia de um Deus universal ou de um Deus classificadamente concebido pelas diversas sociedades, ele tenta, ainda que inconscientemente, reestabelecer o valor do concreto, do caráter sagrado que está em cada coisa, em cada sensação. Não há rótulo, nem fórmula, que permita que as considerações de Caeiro sobre a Deus sejam organizadas e designadas de forma totalmente satisfatória. Portanto, o nome "Panteísmo" deve ser tomado com cautela e é, no fundo, impreciso, mas pode-se inferir que não trai inteiramente os sentimentos de Fernando Pessoa, seu criador. Ainda se faz necessário considerar que também é possível encontrar vislumbres de teísmo, deísmo ou mesmo animismo, levando em consideração, ainda, que Caeiro sempre oscilou entre transcendência e imanência.

Rocha (2019, p. 59) traz à luz uma nova concepção sobre Caeiro. Para o autor, o poeta é transitório e, dessa forma, está sempre em oposição entre o plano horizontal da ação (passear, caminhar e escrever) e o plano perpendicular do pensamento (o cajado e o cimo do outeiro) que, assim, força os elementos que estruturam a linguagem (o som, a sintaxe, o sentido) a aparecer ora como negação das formas sensíveis, ora como negação de forma poética, como se pode comprovar no poema I da obra *O guardador de rebanhos*, “Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias, Ou olhando as minhas ideias e vendo o meu rebanho, e sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz”, (CAEIRO, 2001, p. 88). Essa transição de ideias opostas entre a imobilização e o movimento propicia um significado vago na maneira de conceber o poeta, por vezes muito paradoxo na sua construção poética.

Para Duarte (2005, p. 93) é, em Caeiro, considerado o mestre de todos os heterônimos, que a identificação entre o pensamento e as sensações se realiza mais naturalmente. A autora confirma o que já fora mencionado por Rocha (2019) “a dualidade se apresenta ora estando de acordo, ora parecem que se diferem” (DUARTE, 2005, p. 93). A exemplo disso, pode-se conferir no poema IX, pertencente à obra *O guardador de rebanhos*:

Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido (CAEIRO, 2001, p. 99).

Nos versos acima, o poeta emite um paralelismo das ações de pensar e sentir, ainda que em ordem reversa, que se apresenta de forma harmoniosa e fulgaz, permitindo que ao decorrer da poética, o leitor se permita ampliar um leque de possíveis interpretações. Nesse sentido, pensar e sentir são palavras entrelaçadas, subordinadas uma a outra.

3.1 O realismo sensacionista de Alberto Caeiro

Para compreendermos melhor o realismo sensacionista que Alberto Caeiro externa em seus poemas, necessário se faz estender essa compreensão no significado real dos termos. Assim, cabe afirmar que realismo é a representação fiel e direta da realidade, sem que intervenha a fantasia. Pode-se, ainda, concebê-lo como um sistema dos que supõe reconhecer o mundo exterior como realidade objetiva. Em suma, realismo é o sentido do real. Atitude prática de quem leva a realidade em conta.

Bernardo (2012) nos chama a atenção no sentido de que o realismo, antes mesmo de ser tomado pela literatura, como estética oposicionista do romantismo, o termo já se tornara familiar na filosofia. Nesse sentido, o autor destaca o sentido filosófico do realismo “concepção filosófica segundo a qual existe uma realidade exterior, determinada, autônoma, independente do conhecimento que se possa ter sobre ela” (BERNARDO, 2012, p. 11). Cabe ressaltar que o sentido filosófico do termo realismo, não se distancia tanto do sentido dicionarizado que, por vezes, apresenta-se como ato de ver a realidade tal e qual ela se apresenta, sem que se faça uso de fantasias para interpretá-la.

Ainda, nesse sentido, Bernardo (2012) nos traz à luz a concepção do realismo enquanto estética literária, parafraseando o filósofo francês André Comte-Sponville (2001) “toda corrente artística que se submete a arte à observação e à imitação da realidade, mais que à imaginação ou à moral” (BERNARDO, 2012, p. 12). Então, é possível inferir que os conceitos e/ou concepções que são apresentados tanto pela filosofia quanto pelo dicionário, o realismo é a fusão entre a realidade exposta pela

vida e a interpretação fiel dos fatos recorrentes que nela se insere, não sendo possível uma interpretação imaginária ou poética que não seja capaz de representá-la.

Dando sentido à concepção de realismo na literatura, pode-se afirmar que ele encontra solidez enquanto escola literária da segunda metade do século XIX. Assim, aqueles escritores propensos ao realismo literário, inclinam sua escrita estética de forma a descrever a realidade como ela é, ainda que seja em seus aspectos negativos e/ou desagradáveis. Na literatura o realismo reagiu ao sentimentalismo exacerbado dos escritores adeptos ao romantismo. Por sua vez, sensacionismo deriva-se do vocábulo *sensação*, capacidade de sentir e reagir a sensações. Produzir sensações mediante a uma realidade. Nesses termos, é válido afirmar que o realismo sensacionista, pura e simplesmente, nada mais é que a manifestação das sensações produzidas por meio da realidade. Nas obras de Caeiro, fica evidente, por meio dos versos, o quanto o poeta gostava de externar tudo que sentia e pensava a partir do que observava.

Moisés (1999, p. 165) pondera que

Atitudes realistas houveram sempre, desde que surgiu a arte, mas na moda realista aparece nos fins do século XIX [...] Por isso quando se fala em realismo, estética literária e cognatos, quer-se referir-se a um momento específico e diferenciado da história das literaturas europeias e africanas. [...] por mais semelhança que se possam estabelecer entre as atitudes realistas e a moda realista, separa-as uma grande distância, correspondente ao fato de as primeiras serem assumidas num sentido demasiado amplo, e a segunda, num sentido rigoroso e definido.

E é nesse segundo sentido que Caeiro se encontra como um poeta realista inserindo-se, também, como poeta sensacionista, que pensa e sente. Conforme pode-se observar nos versos do poema XV,

As quatro canções que seguem
 Separam-se de tudo o que eu penso,
 Mentem a tudo o que eu sinto,
 São do contrário do que eu sou ...

Escrevi-as estando doente
 E por isso elas são naturais
 E concordam com aquilo que sinto,
 Concordam com aquilo com que não concordam ...
 Estando doente devo pensar o contrário
 Do que penso quando estou são.

(Senão não estaria doente),
 Devo sentir o contrário do que sinto
 Quando sou eu na saúde,
 Devo mentir à minha natureza
 De criatura que sente de certa maneira ...
 Devo ser todo doente — ideias e tudo.
 Quando estou doente, não estou doente para outra coisa (CAEIRO,
 2001, p. 101 – 102).

Percebe-se nos versos mencionados, de trechos do poema XV, o quanto Caeiro, poeta sensacionista que o é, pode ser mais intrigante do que se possa imaginar. É possível, ainda, afirmar que o sensacionismo interposto nos versos “As quatro canções que seguem / Separam-se de tudo o que eu penso, / Mentem a tudo o que eu sinto, São do contrário do que eu sou ...” (CAEIRO, 2001, p. 101), tem proveniência nas tentativas de evolução do pensamento, mesmo que, de novo, não houvesse intensão de poetizar esteticamente os referidos versos. Caeiro era poeta por natureza. Poeta puro e sem pretensões de sê-lo. Sendo descrito, por Fernando Pessoa como homem de pouca instrução, a ausência das pretensões de seguir uma estética poética somada à pureza do homem do campo não se tornou empecilho para o reconhecimento de Alberto Caeiro como o mestre dos heterônimos de Pessoa, e do mesmo adjetivo sendo definido pelos outros heterônimos.

Foram exatamente essas características de pureza, falta de pretensão, o belo jogo de palavras quando compunha, o dom de afirmar e negar e ao mesmo tempo não se perder nos entrelaços das palavras “[...] Estando doente devo pensar o contrário / do que penso quando estou são. / (senão não estaria doente), [...]” (CAEIRO, 2001, p. 102). Percebe-se, então, que o poeta dá ênfase a suas sensações, mesmo que não deixe de lado o ato de pensar. Considerado por Pessoa (2009) o fundador do sensacionismo “ é ele quem ensina seu discípulo Álvaro de Campos a ‘clareza da vista’ e o acorda para a sensação; no entanto, a sensação em Caeiro é puramente o que se percebe com os sentidos” (PESSOA, 2009, p. 34). E dessa forma Caeiro se revela em sensação “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos”.

Nesse sentido, pode-se afirmar que Caeiro atinge em seus poemas muito mais que sensações, fazendo-se de um poeta pensador, provocativo, com teorias próprias, em tentativas de elucidar, em seu leitor, a maneira de como de se deve, ou não, olhar o mundo. Entretanto, Matos (2011) destaca que “Caeiro queria nos convencer de que seu pensamento é de um poeta ingênuo, instintivo, a sua poesia nos dá a impressão

contrária, a de que é um poeta de inteligência” (MATOS, 2011, p. 28). Nesse sentido comprobatório de extrema inteligência, Caeiro não faz exploração das sensações em seus poemas em seu sentido literário, mas invocando em seu leito o ato de sentir, e ousa-se, ainda, dizer que o poeta instiga o leitor a senti-lo, mas não com a alma e/ou pensamento, e sim com os olhos.

3.2 Poemas em análise: semelhanças e divergências

Correto é afirmar que Alberto Caeiro, enquanto poeta, sempre externou que a poesia que escrevera, sempre fora espontânea, ou seja, não planejada, não arquitetada. Justificava-se sem pretensões maiores na arte da poesia. O ato de fazê-la, era excepcionalmente involuntário. Caeiro não se entendia como filósofo. Entretanto, ainda que hajam traços de filosofia e de pensamentos que se inclinam para uma reflexão, também involuntária, sobre os modos de se vê a vida, de entender Deus e de não aplicar as sensações que ora o corpo ou a alma sentem, mas de como, definitivamente, se deve sentir.

A mais fascinante característica que aglomera a obra do poeta é a forma que escrever a sua própria poesia: de leitura fácil, de compreensão das suas ideias simplificadas, tecendo um vocabulário simples e corriqueiro, por ser homem simples do campo e com pouca instrução. Assim construía sua poesia despreziosa: com frases curtas e certeiras, indagações utilizadas ora no início ora no meio, ora no final, perguntava e respondia na mesma velocidade da luz. Repetições e reticências são outros traços marcantes da obra *O guardador de rebanhos*. Na referida obra, o poeta desenvolve uma postura exibicionista de como percebe a vida, deixando claro que ver é ciência, e talvez, por este motivo se relacione tão bem com a natureza. Cético por si só, desfere o pensamento, os sentimentos e não considera a linguagem. Dessa forma fica evidente que, na ciência do poeta, a linguagem deprecia a própria realidade, sendo que estes fatores, para Caeiro, só despertam a ansiedade que inibe a visão das coisas como elas verdadeiramente são, e que desta liberdade de ver, depende a leveza do espírito.

O sensacionismo é um traço revigorante na maioria dos poemas de Alberto Caeiro. As sensações são puras e simples, tal e como são expostas. São sentidas pelo olhar, nunca pelo pensar, como se pode conferir em versos do poema V:

Há metafísica bastante em não pensar em nada.
 O que penso eu do mundo?
 Sei lá o que penso do mundo!
 Se eu adoecesse pensaria nisso.
 Que ideia tenho eu das cousas?
 Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
 Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
 E sobre a criação do Mundo?
 Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
 E não pensar. É correr as cortinas
 Da minha janela (mas ela não tem cortinas) (CAEIRO, 2001, p. 92).

Percebe-se que ao se referir à “metafísica”, o poeta se reporta a uma possível investigação das realidades que transcendem a experiência sensível com capacidade de fornecer um embasamento a todas as ciências particulares por meio da reflexão da natureza: “Há metafísica bastante em não pensar em anda / o que penso eu do mundo? / Sei lá o que eu penso do mundo! ” (CAEIRO, 2001, p. 92).

Nesse sentido, o poeta recusa-se ao ato de pensar, relutante e de maneira despreocupada com essa ação. Prefere não pensar e sentir seu espírito leve quando afirma “Para mim pensar nisso é fechar os olhos / e não pensar / é correr as cortinas / da minha alma (mas ela não tem cortinas) ” (CAEIRO, 2001, p. 92), deixando nítido que a referência de “cortinas” é sua visão, seus olhos.

Esse jogo de palavras é sempre muito forte e firme nas construções de Caeiro por toda a obra *O guardador de rebanhos*, como ainda é possível perceber nos versos do poema IX,

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca (CAEIRO, 2001, p. 99).

Percebe-se, aqui, que a referência para seus olhos, é seu “rebanho” e com este ele pensa. Afirma ainda, que “meus pensamentos são todos sensações / penso com os olhos e com os ouvidos / e com as mãos e os pés / e com o nariz e a boca”, não tratando-se, aqui, do pensamento literal, mas dos olhos que lhes proporcionam uma visão fiel, da mesma forma que ocorre nos versos do poema V.

Nesse sentido é plausível afirmar que o sensacionalismo de Caeiro encontra-se ancorado no interesse próprio de tudo aquilo que lhe possa aguçar as sensações.

Entretanto, o sentido dessas mesmas coisas é resumido pela maneira de olhá-las, de concebê-las, quase as deixando inexistente.

Para Caeiro, o que mais lhe encanta é poder perceber o mundo pelos seus olhos de poeta observador. Não o mundo de forma generalizada. Mas o mundo ao qual está inserido e que desfruta de uma realidade que apenas o poeta consegue vivenciar. Absorver as sensações que estas visões possam lhe proporcionar, sem a menor necessidade de maiores explicações e excessivos porquês. Não é possível nenhuma contestação da forma de ver o mundo apresentada por Caeiro. A impossibilidade por ora apresentada, encontra abrigo na forma peculiar do poeta de sentir a natureza e esta, por sua vez, não é sentida por ele de forma comum e simples, mas sentida com toda a realidade que a natureza apresenta sem romantismo exacerbado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender Alberto Caeiro ante uma postura cética do poder do pensamento é imprimir a profundidade de sua pureza e de sua simplicidade. Caeiro, mestre de todos os heterônimos de Pessoa, não tinha preocupações com o uso das palavras em seus poemas. Limitava-se, apenas, em expor a realidade como ela se apresentava. O poeta que recusava o pensamento e a filosofia, não concebia Deus como o ser divino. Para ele, a natureza seria a própria divindade e somente assim Deus se fazia presente.

Caeiro não se percebe um grande poeta, visto que por ser homem do campo e de poucas instruções, define-se como um simples *guardador de rebanhos*, o que nos faz perceber, ao longo das análises de seus poemas, que o “rebanho” é o seu pensamento. Assim ele vê a vida, se distancia de uma concepção da divindade que ora se apresenta na Bíblia, aproximando o conceito de Deus em tudo aquilo que pode apalpar na natureza. Dessa forma, fica evidente a pretensão do poeta em ser percebido como homem independente e superior a qualquer divindade.

Através dos poemas de Caeiro nota-se que para o poeta Deus não é criador absoluto, mas um ser que se manifesta na natureza e por conseguinte os dois, Deus e natureza, são seres idênticos. Com esses traços delineados nos poemas analisados fica evidenciado que Alberto Caeiro segue a doutrina do panteísmo em que há um negacionismo do pensamento, da filosofia e da crença absoluta em Deus. Entretanto, ainda fica evidenciado, que outros traços são marcantes em seus poemas, destacando-se, aqui, o sensacionismo realista. O poeta sente o que ver. Entretanto, não sente como os outros. Não sente de maneira fantasiosa. Sente com os olhos, sente com os ouvidos e com todo os seus sentidos. São essas sensações, não físicas, mas perceptivas na obra do poeta, que o faz ser considerado o mestre de todos os heterônimos de Fernando Pessoa.

REFERÊNCIAS

- ABURRE, Maria Luiza M.; ABURRE, Maira Bernadete M. PONTARA, Marcela. **Modernismo Português. Fernando Pessoa: o poeta de muitas faces**. São Paulo: Moderna, 2016.
- AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. **Modernismo em Portugal. As três gerações do modernismo português e as características literárias da Geração Orpheu**. São Paulo: FTD, 2013.
- AUGUSTO, Victor Fiori. Superstições e preconceitos comuns na filosofia de Spinoza. In: **BECKER, Rafael Caetano [et al]. Spinoza e nós**. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2017.
- BERNARDO, Gustavo. **O problema do realismo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário didático de português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BITTENCOURT, Miguel Colaço. **O nascimento do panteísmo ayahuasqueiro e os seus processos de cura**. 2015. 248 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Antropologia e Museologia, 198p. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 11º ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **A literatura portuguesa do século XX**. São Paulo: Atual, 2003.
- COELHO, Fábio André Cardoso. Os sentidos e as sensações na poesia heteronímica de Alberto Caeiro. **Interdisciplinar**, v.15, p. 47 – 54, 2012.
- DUARTE, Eliane Passos Monteiro. **O duplo significado do sentir e do pensar nas obras de Alberto Caeiro e Descartes**. Florianópolis. UFSC: 2005.
- FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto. **Modernismo em Portugal: de 1915 a atualidade**. São Paulo: Ática, 1999.
- FORCONI, Daniela; VALE, Fernando do; DELMIRO, Ísis. Deus e Natureza o Panteísmo em Florbela Espanca e Alberto Caeiro. **Revista dos Alunos de Graduação em Letras**, vol. 14.1, p. 25-39. 2012.
- GIL, José. **Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LISBOA, Eugênio. **O segundo modernismo em Portugal**. 2. ed. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

LOPES, L. M. O panteísmo na história da filosofia. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, v. 3, n. 2, p. 103-124, dez. 2016.

LOPES, Maria Tereza Rita. **Fernando pessoa**. 2ª ed. Lisboa. Centre Culturel Portugais, 1985.

MATOS, Anderson Hakenhoar de. Origem do Sensacionismo no grupo Orpheu. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**. v. 11, n. 1, p. 1-17, jan/jun. 2015.

_____. **O sensacionismo de Fernando Pessoa em Água viva de Clarisse Lispector**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1984

MOISÉS, Massaud. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. Autopsicografia, p. 79, São Paulo: Cultrix, 2001

PARCIANELLO, Reginaldo. Fernando Pessoa e a teoria da criação literária. **Nau literária**. UFRGS. V. 10, p. 228 – 240, 2014.

PAREYSON, Luigi. **Estéticas: teoria da formalidade**. Tradução de Reginaldo Parcianello. Petrópolis: vozes, 1993.

PESSOA, Fernando. **Páginas da doutrina estética**. 2. ed. Lisboa: Inquérito, 1946. Seleção, Prefácio e notas de Jorge de Sena.

ROCHA, Rubens José da. **Despersonalização e personificação na obra poética de Fernando Pessoa**. São Carlos. UFSCar: 2019.